
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O CORPO, OS SENTIDOS E A VIOLÊNCIA

Claudia de Souza da Natividade Vieira (UFSC)
claudia.ufsc@ig.com.br

RESUMO: Este artigo propõe algumas discussões acerca da violência como tema literário e de outras formas narrativas contemporâneas. O trabalho pretende abordar questões que envolvem os sentidos, as relações com o corpo e as representações que envolvem uma narrativa, cujo tema é a violência. Para dar sustentabilidade às discussões a análise estará pautada na obra *El escritor y el otro* (2007), do escritor uruguaio Carlos Liscano, juntamente com os estudos acerca da violência, da antropóloga brasileira Alba Zaluar.

PALAVRAS-CHAVES: violência, sentidos, representações.

Ao se analisar um texto, seja ele literário ou outra forma discursiva, existem algumas questões importantes a serem discutidas, entre elas destacam-se: como um texto está sendo lido, o que está sendo visto e o que não está sendo visto. Ressalta-se que ver não é apenas no sentido de olhar de fixar os olhos em algo, e sim, também, no sentido do que está explícito no texto em contraste com aquilo que, a partir de sua ausência, faz-se constante; o que é representado em contraste com o que está deixando de ser representado e quais as relações do texto com os sentidos – com o corpo – humanos. Para tentar esclarecer essas questões se fará uma discussão a partir de um tema específico abordado em muitos momentos pela literatura universal – a violência. Esse tema está intensamente ligado às questões aqui levantadas, e, para dar maior sustentabilidade às discussões, estas serão feitas através de relações com alguns escritos de Carlos Liscano, pois se considera uma de suas obras, *El escritor y el otro* (2007), intensamente relacionada com o tema.

A violência é um tema que já foi abordado em muitos momentos da literatura; escritores brasileiros como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa trataram da violência no sertão em suas obras; já Rubem Fonseca – entre outros – abordou a violência urbana em muitos de seus livros. Quando se reflete acerca da violência, mais especificamente a violência urbana – pelo menos no Brasil – se faz alusão à pobreza, a favela e ao tráfico de drogas. Na realidade, é de fundamental importância perceber

que, muitas vezes, a violência é um tema muito especulado. De acordo com Alba Zaluar, antropóloga e estudiosa das inúmeras questões ligadas à violência, a favela (e as instâncias de violência ligadas a ela) “proporciona um material para um produto midiático valioso sob a forma de medo ou estranheza, gera financiamentos nacionais e internacionais, tanto para ações diretas de caráter assistencial e/ou religioso quanto para pesquisas; a favela é o campo de batalha frequente pela conquista da opinião pública” (Zaluar e Alvito 1998: 22).

A violência é um problema presente na maioria das sociedades. Quando se estuda as narrativas contemporâneas, cujo tema é a violência, a ligação desta com a pobreza, a favela e o tráfico de drogas fica ainda mais evidente. Segundo Zaluar, originariamente aos “‘pobres’ urbanos coube carregar o peso do fisiológico em oposição ao ideológico, do tradicional em oposição ao moderno, do atraso em oposição ao avanço” (Zaluar e Alvito 1998: 35), como se o indivíduo pobre, e não a pobreza, fosse o pólo mais negativo da sociedade. Tudo o que há de ruim e negativo, principalmente tudo o que diz respeito à violência, é ligado basicamente às classes sociais menos favorecidas e, conseqüentemente, ao indivíduo pobre. Isso se dá como se o mal da sociedade fosse culpa da população pobre. Essa ligação é estabelecida em virtude das relações de poder existentes nas sociedades, que torna conveniente agregar aos pobres a responsabilidade dos problemas sociais.

No momento, o que nos interessa não é tanto a especulação existente acerca do tema, e sim as relações de sentido e de representação existentes entre as narrativas influenciadas pelo tema da violência. Inclusive, é um pouco perigoso pensar que a violência é um tema demasiadamente especulado e/ou banalizado, pois tem-se a impressão de que não há mais nada a dizer acerca da violência, e isso seria equivocado. É possível exemplificar isso com o que Carlos Liscano diz quando fala da repressão, que é uma forma de violência:

Se há escrito sobre la represión en Uruguay durante la última dictadura. Se escribe sobre la represión y es publicado. Parecería que no hay nada ‘indecible’ sobre lo que ocurrió. Esa es la imagen que se tiene. Yo también he escrito sobre lo que pasó. Sin embargo, lo que se dice es lo que está en la superficie. Toda la violencia, el miedo, el terror, las vejaciones, nunca se dirán. (2007: 66)

A última assertiva de Liscano – *Toda la violencia, el miedo, el terror, las vejaciones, nunca se dirán* – é muito coerente, porque por mais que a violência seja narrada, discutida, representada, as sensações – as relações com o corpo – nunca serão transmitidas plenamente.

Para discutir o tema da violência urbana na literatura brasileira, é interessante pensar em alguns textos de Rubem Fonseca, visto que o autor aborda o tema de forma impactante, muitas vezes sob a perspectiva da personagem que comete o ato de violência. Em *O cobrador* (1979), por exemplo, o bandido assume o papel de narrador-personagem, que fala dos atos de violência cometidos sem nenhum sentimento de culpa. É possível perceber no conto que o narrador-personagem comete os atos de

violência como forma de protestar contra um vazio latente que o perturba. O vazio é o resultado de uma desigualdade social que faz da personagem – um indivíduo desprivilegiado socialmente – alguém que não aceita sua condição e que quer destruir os membros da classe social a qual ele não pertence. Essa necessidade de vingança fica nítida na fala da personagem: “Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles” (Fonseca 1979: 168). A violência que gera outro tipo de violência. A personagem é vítima da violência do vazio, da violência da exclusão social e, ao mesmo tempo, é um indivíduo violento, precursor da violência urbana. Toda a sua revolta está direcionada aos ricos, toda a sua violência dirige-se às classe mais privilegiadas.

Para além do texto literário, ou do livro propriamente dito, a violência se faz presente. Ela atua com força como tema de narrativas audiovisuais. Essas narrativas vão desde noticiários jornalísticos até documentários e filmes. Para muitos, essas narrativas, que utilizam o recurso audiovisual, são a única ponte de referência com a violência. Para quem nunca vivenciou a violência, para quem nunca foi vítima de um ato de violência intenso – corporal – existe a necessidade de uma referência para que haja uma relação de sentido. Pois, como diz Jean-Luc Nancy: “no hay sentido más que en referencia a algún ‘afuera’ o a alguna ‘otra parte’ en relación com la cual el sentido consiste em referirser a ella” (2003: 20, grifo do autor). Nesses casos, o ser humano tem as imagens de violência que a ele são transmitidas como referência que atribui sentido para um ato de violência. O ato não pode ser transmitido, mesmo havendo possibilidade de narrar a violência; o ato em si não pode ser transportado, não pode ser sentido pelo corpo daquele que não o vivenciou. Segundo Nancy, “el ato no puede ser transmitido desde otra cosa que si mismo (no se trata de um pasaje de la potencia al acto): ‘el ser es el ente’, o ‘hay alguna cosa’ indica pues una anterioridad / posterioridad del hay ‘en’ si mismo” (2003: 51). O que Nancy denomina “pasaje de la potencia al acto” também é explicado por Carlos de Brito e Mello: “o gesto que nossa mão realiza, seja no desenho, seja na escrita, pode ser compreendido, em maior ou menos grau, como uma ‘passagem da potência ao ato’” (2006: 177). Nessa passagem da potência ao ato há um vazio e é nesse vazio que tudo se conduz e se constrói, pois o ato realmente não pode ser sentido pelo corpo, mas pode ser representado e “essa articulação entre potência e ato, o comum e o singular, reconfigura a relação entre o objeto representado e sua representação” (Mello 2006: 178, grifo nosso). Nesse caso, a violência representada e a sua representação, até porque a representação consiste em tentativa de se chegar o mais próximo possível do objeto em si, do objeto real. E nesse momento questiona-se: o real pode ser alcançado? É interessante pensar que tudo consiste em representações.

Quando se pensa na violência como tema narrativo, é muito importante entrar em uma reflexão acerca do sentido e, principalmente, questionar: o que é o sentido? Jean-Luc Nancy (2003) entende que o sentido, mas precisamente o sentido do mundo, é algo que “vai na direção de”; o sentido se dá somente quando faz séries com outras séries. Pensando no texto, este é sempre uma pluralidade e não é constituído de um sentido único. O autor afirma ainda que há pouco tempo era possível falar em crise do sentido, mas que hoje “todo el sentido se encuentra en estado de abandono.”

(Nancy 2003: 14). E uma saída para o abandono do sentido é um apelo para o próprio sentido, na tentativa de resgatar as minorias, principalmente quando se pensa na globalização, em que tudo está voltado para o todo, o global, a grande quantidade. É possível fazer desse abandono do sentido a condição de possibilidade de estar aberto ao que acontece, fazer desse momento um momento privilegiado, pois é justamente no “sentido que não há” – o sentido ausente – que muita coisa pode estar presente (a presença através da ausência). Em *L'écriture du désastre*, Maurice Blanchot fala justamente sobre o sentido ausente, que segundo ele não se trata de ausência de sentido: “Sentido ausente (no ausência de sentido, ni que faltara sentido, potencial o latente). Escribir, acaso, consiste en llevar a la superficie algo que así como el sentido ausente, en acoger el empuje pasivo que aún no es pensamiento pero que ya constituye el desastre del pensamiento. Su paciencia” (Nancy 2003: 14).

O sentido do mundo está em nós, de acordo com a forma como entendemos o mundo. Os humanos não têm sensações, eles são sensações e experimentam o mundo constantemente. Essa discussão acerca do sentido fica mais clara quando levada a uma reflexão em torno da violência urbana como tema literário e tema de narrativas contemporâneas audiovisuais. Quando um indivíduo lê um texto que discute atos de violência urbana, ou assiste um ato de violência em narrativas audiovisuais, ele tem inúmeros sentidos despertados, ele desenvolve inúmeras sensações. Estas são despertadas inclusive pela ausência de participação corporal no ato de violência lido. Quando se pensa na violência a partir de atos, é possível concluir que, em alguns momentos, a violência silencia, ela é causadora de ausências. Carlos Liscano esclarece muito bem o quanto o silêncio pode ser uma forma de violência, o quanto a ausência pode ser uma forma de violência tão cruel quanto tantas outras. O autor relata um momento durante o cárcere em que ele foi levado a uma sala de tortura juntamente com outro preso e que a diversão consistia em fazer com que um preso conseguisse quebrar o outro; no entanto, ele considera que naquela noite os dois tiveram:

la suerte de transformar la antigua violación en hermandad. Porque aquella noche la tortura, por primera vez, no había sido solitaria. Yo había sentido su cuerpo reventado junto al mio. Él oyó mis gritos. No recuerdo detalles, pero los dos sabemos que no lo consiguieron, hacernos quebrar como espectáculo. No sé como fue para él, pero para mi fue su presencia, la vergüenza, lo que me ayudó a no entregarme. (Liscano 2007: 68)

Este relato de Liscano traz outra questão pertinente ao que vem sendo discutido aqui – as relações com o outro. De acordo com a concepção dialógica de Bakhtin, o eu existe em dois sentidos: eu para si mesmo e o eu para os outros. Este segundo sentido é um eu que não se origina em si mesmo, mas no que os outros veem e como se incorpora o olhar do outro no próprio olhar. Mas, ainda assim, apesar de existir essa dependência do outro, a identidade não pertence ao outro. Na verdade, o eu só existe por causa das interações com o outro, da mesma forma é possível pensar na questão do real, que só é possível a partir de representações. Sendo assim, é possível entender o que quer dizer Liscano ao demonstrar a que ponto chega o vazio

da solidão; a violência da solidão é muito mais intensa do que a violência para com o corpo do outro e a do corpo do outro para si. A partir dessas reflexões é possível concluir que o vazio da ausência do outro viola a existência do eu, já que este existe por causa das interações com o outro, como explica o estudioso Robert Stam, em seu trabalho acerca de Bakhtin e a crítica cultural: “a localização do sentido, não na forma linguística, mas no uso da linguagem na nação e na comunicação – o enunciado –, sua insistência em que esses sentidos são gerados e ouvidos como vozes sociais que se antecipam e se respondem mutuamente – o dialogismo” (1953: 151).

Ainda refletindo acerca dessa inter-relação entre o eu e o outro, é possível pensar em algumas afirmações de Liscano quando, no cárcere, cria “um outro” para tentar afastar a violência da ausência. Sem o outro não há comunicação, não há um receptor com quem se possa se comunicar, há apenas o silêncio, e isso é uma violência – não apenas uma violência psicológica, mas também uma violência de sentido. Liscano diz que, “el inventado vive en un mundo de palabras, de semidelirio, de papel: vive en lo que escribe. El sirviente vive en la realidad. El sirviente sabe que él no existe. Que entre los dos, el único real es el inventado” (Liscano 2007: 52), ou seja, mesmo sendo o inventado uma criação sem existência própria, ele é o real, ele prevalece. Mesmo não sendo possível ver materialmente esse outro, ele está presente, ele é um vazio que mesmo sem ser visto pode olhar. Didi-Huberman explica isso quando afirma que “debemos cerrar los ojos para ver cuando el acto de ver nos remite, nos abre a un vacío que nos mira, nos concierne y, en un sentido, nos constituye” (2006: 15, grifo do autor), ou seja, mesmo que se considere o outro um vazio que não se vê, ele nos olha.

Quando se propõe falar em representação, no que diz respeito à violência, é importante pensar que em narrativas que abordam esse tema muitas coisas não são representadas. Mas mesmo sem serem representadas elas estão presentes,

esse poder de representar pela ausência e de manifestar o distanciamento, que está no centro da arte, poder que parece afastar as coisas para dizê-las, mantê-las à distancia para que elas se esclareçam, poder de transformação, de tradução, em que é esse próprio afastamento (o espaço) que transforma e traduz, que torna visíveis as coisas invisíveis, transparentes as coisas visíveis, torna-se assim visível nelas e se descobre então como o fundo luminoso de invisibilidade e de irrealidade de onde tudo vem e onde tudo acaba. (Blanchot 2005: 79)

Essa é a experiência da representação pela ausência, em que o que não é representado também pode estar presente, como no caso da violência que, mesmo que os atos não possam ser sentidos literalmente, mesmo que não se chegue aos atos reais de violência, eles estão presentes.

Agora, pensando justamente na questão do que não é visto, do ato de violência que não está explícito no texto, que não é claramente percebido – no vazio –, é necessária uma reflexão acerca do que é o olhar, o que é verdadeiramente ver. O olhar

significa aquilo que se vê e aquilo que não se vê. Antes mesmo de implicar naquilo que se enxerga, implica naquilo que não é visto. Ver, antes de tudo, seria perder. Aquilo que se vê, não é apenas aquilo que se vê, mas aquilo que carrega o rastro de uma semelhança perdida ou arruinada. De acordo com Didi-Huberman, “la modalidad de lo visible deviene ineluctable – es decir, condenada a uma cuestión de ser – cuando ver es sentir que algo se nos escapa ineluctablemente: dicho de outra manera, cuando ver es perder” (2006: 15, grifo do autor). E é pensando no fato de que ver é justamente perder, é observar algo que não está explícito, que escapa, que é possível concluir que escrever também pode ser ao mesmo tempo linguagem e ausência de linguagem, pois de acordo com Blanchot, “a palavra não nega mas consente, e se ela parece às vezes cúmplice do nada, esse ‘nada’, diz Joubert, nada mais é do que ‘a plenitude invisível do mundo’, cuja evidência cabe à palavra trazer à luz, vazio que não se faz ver mas é presença luminosa, fissura pela qual se expande a invisibilidade” (2005: 83, grifos do autor). A palavra é o que não é, é um vazio que não se faz ver, mas que ao mesmo tempo se faz presente. O modo como um indivíduo faz uso das palavras, das relações de sentido que são atribuídas a elas, pode-se configurar um vazio ou um preenchimento latente.

Pensando na ausência de palavras é importante refletir acerca da afirmação de Liscano de que, “la literatura es un arte quieto. (...) Escribir es estar sentado, inmóvil en la *infinita inquietud*” (2003: 21, grifo nosso). A literatura é uma arte silenciosa e no silêncio permeia a ausência – o vazio – escrever é um ato silencioso e um livro, inicialmente, é um profundo vazio, “el libro no existe antes de escribirlo. Porque materialmente no existe. Porque ni siquiera existe em mi cabeza. Porque es la experiencia de escribir el libro que hace que yo sea yo. Porque soy yno al empezar y otro al terminar el libro” (Liscano 2003: 85). O ambiente em que Liscano escreveu essas palavras, um ambiente de ausência, de vazio, em que permeava o silêncio, em que a violência do cárcere silencia, era “un ambiente poco apropiado para la creación, con meses y meses de represión arrasadora, requisas de celda, castigos, arbitrariedades” (2003: 82). A violência causa o vazio – principalmente o vazio de linguagem –, ela tem o poder de calar. Walter Benjamin explica isso de forma excepcional, quando fala da experiência silenciadora e violenta da guerra, demonstrando que uma situação de violência como na guerra – ou mesmo a violência urbana, tão presente e preocupante no mundo contemporâneo – é capaz de silenciar, e que a ausência de palavras é algo subsequente à situação de violência. Segundo ele,

numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. (...) Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. (Benjamin 1994: 114-115)

Essa questão do vazio, do que não está escrito em uma obra, ou do que não é visto na obra é muito forte em Liscano. Mesmo o fato de ser escritor consiste em não ser

outras coisas, renunciar “a ser otras cosas, todas las cosas que no fueran ser escritor” (Liscano 2007: 86). As relações do ser com as palavras ou com a linguagem propriamente dita vai muito além: “escribo para dejar de ser el que soy. Porque si escribo me transformo. Porque salgo a campo traviesa sin saber a lónde voy. Porque se escribe para llegar a un sitio que no se prévio. (...) Porque si no hablo, aunque sea solo, aunque sea para adentro, no existo. (...) Porque la muerte es la no palabra” (Liscano 2007: 87).

Para o autor a morte consiste na ausência de palavras e, nesse momento, é importante pensar nas discussões de Agamben, em *A linguagem e a morte* (2006). Em seu texto, Agamben faz uma discussão acerca das relações entre a morte e a linguagem. Segundo ele, o ser – *dasein* – possui algumas características particulares: ele é dotado de linguagem, se compreende e possui consciência da própria morte. O ser se relaciona com a própria morte e esta provoca no ser uma angústia. Se o ser não tivesse consciência da própria morte ele não viveria angustiado e a morte consiste na ausência de linguagem. A morte remete ao vazio, àquilo que não existe mais, que está ausente, sendo, portanto, a violência da não existência do ser. Em contrapartida, a violência urbana como ato atinge um dos maiores temores do ser: a morte.

Mediante toda a discussão estabelecida nesse trabalho foi possível refletir acerca da violência sob ótica das sensações e sentidos, das relações com o corpo e da representação. A violência como tema narrativo, dentro das abordagens da literatura de Liscano, pode ser visualizada através de suas relações com o vazio – seja o vazio do ato de violência que não pode ser sentido, não pode ser realmente visto; seja o vazio da violência do cárcere, que priva o ser das relações com o outro. Verificou-se também que a violência está ligada a outro vazio, ou a uma ausência – a ausência de palavras, a ausência de linguagem. A violência pode silenciar, bloquear as relações comunicativas do ser, matar a linguagem.

Além das relações de sentido – e do que é o sentido – aqui discutidas, foi possível identificar que as relações da violência com o corpo e com as sensações não é tão evidente quanto possa parecer. O ato de violência propriamente dito, como ficou claro, não pode ser sentido pelo corpo daquele que não o vivencia, mas pode ser representado, e é essa representação que é muito complexa. Além disso, entre a violência e a sua representação existe um vazio – novamente o tão refletido vazio – e esse vazio é aquilo que não é visto, mas que está tão ou mais presente quanto o que é visualizado. O que não está representado, assim como o que não é lido em uma obra, assim como a violência que não é sentida por aquele que não a vivencia, não deixa de estar presente e configura na reafirmação da sua existência.

OBRAS CITADAS

AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza.” *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, Maurice. “A questão literária.” *O livro por vir*. São Paulo: Martins fontes, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Lo que vemos, lo que nos mira*. Buenos Aires: 2006.

LISCANO, Carlos. *El escritor y el otro*. Montevideo: Editorial Planeta S. A., 2007.

MELLO, Carlos de Brito. “A imagem, seu desaparecimento.” *O espetáculo e a vida infame em Ônibus 174*. *Eco-Pós (UFRJ)* 9 (2006): 139-153.

NANCY, Jean-Luc. *El sentido del mundo*. Buenos Aires: La marca, 2003.

STAM, Robert. “Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda.” *O mal estar no pós-modernismo. Teorias, práticas*. Ann Kaplan, org. Rio de Janeiro: Jorfe Zahar, 1993.

ZALUAR, Alba, & Marcos Alvito. *Um Século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

THE BODY, THE SENSES AND THE VIOLENCE

ABSTRACT: This article suggests some discussions about the violence as a theme in literature and other contemporary narratives. I try to address an issue involving body relations, senses and their representations in narratives where the theme is violence. In order to provide sustainability for the discussions I analyze *El escritor y el otro* (2007), by an Uruguayan writer Carlos Liscano, together with the Brazilian anthropologist Alba Zaluar, with her studies about violence.

KEYWORDS: violence, senses, representations.

Recebido em 13 de abril de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.